

A COLONIZAÇÃO MEDIEVAL ALEMÃ NO  
ORIENTE EUROPEU ATRAVÉS DOS BILDER  
AUS DER DEUTSCHEN VERGANGENHEIT,  
DE GUSTAV FREYTAG.

---

PEDRO MOACYR CAMPOS

Professor-associado da Cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (SP).

Não nos eram desconhecidas as dificuldades inerentes ao assunto a nós sugerido pelo Prof. Simões de Paula para um trabalho a ser apresentado ao IV Simpósio de História. Antes de tudo, parece-nos — ao menos — não se constituir a colonização medieval alemã no este europeu num tema para o qual, no Brasil, se tenham voltado as atenções dos professores de História, em geral. Não nos sentimos em condições, assim, de avaliar até que ponto os traços básicos desta expansão se integram no patrimônio comum de conhecimentos dos especialistas em História no nosso país. Partindo daí, como selecionar um aspecto subordinado a este amplo e rico campo, e tratá-lo como se os fundamentos fôsem do conhecimento geral, sem correr o risco de apresentar um trabalho fechado, cuja utilidade imediata se revelasse bastante discutível? — Afastamos, portanto, desde logo, qualquer plano de uma monografia que, embora condicionada pelas nossas modestíssimas possibilidades, ficasse deslocada no conjunto de memórias apresentadas ao Simpósio. Havia a alternativa do extremo oposto: justamente levando em conta a pequena penetração do assunto, caminhar para uma apresentação de seus traços gerais, aproveitando a oportunidade para divulgá-los em nosso meio, o que — pensamos — talvez não deixasse de ser um pequeno serviço prestado aos interessados em História. Acontece, porém, que mesmo o desconhecimento da língua alemã não se constitui num obstáculo para que estes interessados encontrem, já prontos, em manuais franceses ou de língua inglesa, excelentes capítulos cuja simples existência tornaria problemática a necessidade da composição de um trabalho da mesma natureza; este, além do mais, nada poderia ser além de uma compilação, em vinte ou trinta páginas, daquilo que

se encontra naqueles e em outros manuais. Resolvemos, então, procurar uma outra solução. Serviu-nos de ponto de partida a convicção, cada dia mais intensa, da impossibilidade de se chegar a qualquer visão de um fato histórico sem se levarem em conta as condições do presente de quem o estuda. Ou, nas palavras do prof. Barraclough: a convicção de que a História não se ocupa do que *foi* importante, mas daquilo que *pensamos* ter sido importante, ou que *deveria* ter sido importante. Ocorreu-nos, portanto, relacionar a colonização medieval alemã no oriente europeu com algum momento da história da Alemanha nos últimos tempos, através de um determinado autor. E detivemo-nos em Gustav Freytag, com seus *Bilder aus der deutschen Vergangenheit*. Uma vez aí chegados, imediatamente surgiram os problemas. E' claro: preliminarmente haveria a exigência da apresentação do próprio Gustav Freytag, do papel por êle desempenhado nos ideais germânicos de meados do século XIX, do conjunto de sua obra, também, pois neste conjunto é que se integra e dêle é inseparável o material básico em que nos apoiariamos. Ora, mesmo limitando-nos ao modesto material à nossa disposição imediata, sem recurso a bibliotecas alemãs, somente esta parte inicial talvez já superasse as vinte ou trinta páginas solicitadas. A pesquisa necessária para o total da monografia, por sua vez, demandaria tempo superior àquêle fixado pela própria data de realização do Simpósio. O projeto é atraente, exequível — em termos — nas condições presentes, mas nem o tempo, nem suas dimensões, se ajustariam às exigências do momento.

Surgiu-nos, por fim, a idéia à qual nos ativemos. Tratando-se de um Simpósio de professores de História, o aspecto didático nunca poderá deixar de ser levado em consideração, seja qual fôr o tema submetido às cogitações dos participantes. Por que não, assim, utilizar nosso projeto como sugestão de trabalho escrito de pesquisa elementar, a ser pedido aos estudantes de História em nossas Universidades? — Quer-nos parecer não serem poucas as reflexões e pistas proporcionadas a quem se inicia no estudo da matéria por uma tarefa que consistisse no seguinte: escolher uma obra literária qualquer — dizemos propositadamente: literária, isto é, uma novela, em certos casos uma poesia, qualquer tipo de produção desta natureza, enfim — lê-la com atenção, relacioná-la com os acontecimentos ou com o ambiente da época de seu autor, explorando-a como produto desta época, como documento para seu estudo, sempre fundamentando as afirmações com trechos da obra escolhida. No caso de se tratar — como acontece conosco — de um livro precipuamente dedicado à reconstituição histórica, então, oferece-se a utilíssima oportunidade de se distinguirem as maneiras pelas quais um determinado autor pode ser encarado, do ponto de vista da fonte histórica: antes de tudo,

é êle sempre fonte primária para o estudo de seu próprio tempo; em seguida, pode constituir-se em fonte secundária para aquilo que geralmente se acredita poder ser conhecido, acêrca do passado, no assunto por êle tratado; sem que jamais se esqueça nossa dependência em relação ao nosso próprio presente, limitando as possibilidades de compreensão do autor considerado, de uma ou outra forma.

No nosso caso especial de Gustav Freytag, aliás, é êle mesmo que expressamente nos ajuda a ilustrar o que acima dissemos, como se vê:

“Trata-se de um direito de quem vive, interpretar todo o passado segundo as exigências e a necessidade de seu próprio tempo. Porque a enormidade e o impenetrável da vida histórica sòmente nos podem ser admissíveis quando lhes atribuímos um sentido em harmonia com nossa razão e com as aspirações de nosso coração, quando na destruição acumulada descobrimos uma inesgotável fonte de nova vida, quando naquilo que passa sentimos aquilo que está por vir. Êste o motivo pelo qual um povo satisfeito com seu presente gosta também de relembrar o passado, verdadeira sementeira de suas floridas messes; por isso, também, hesita inseguro o historiador de um povo cujo presente é algo raquítico, pois a êle são casuais tanto o ódio como o amor, e seu julgamento relativamente ao valor do acontecido é, em muitos casos, arbitrário. Por isso, ainda, cada época julga o passado à sua maneira (...) e por isso é direito e dever de cada época, reescrever de acôrdo com suas exigências a história das épocas passadas” (*Bilder*, II, pág. 866).

\*

Lembremos então, preliminarmente, antes mesmo de passarmos a uma ligeira apresentação do autor, o momento em que surgiram os *Bilder aus der deutschen Vergangenheit* (1): entre 1852 e 1866. Ou seja, desde quando se faziam sentir pesadamente os efeitos da reação subsequente à revolução de 1848, passando pela enorme mudança da vida política alemã em virtude da ascensão de Bismarck, e chegando à onda de nacionalismo desencadeada pelas guerras de 1864 e 1866 e pelas perspectivas da próxima unificação nacional. Um dos momentos cruciais da história européia, portanto, com o surgimento de uma nova e vigorosa fôrça política no jôgo das potências. Freytag tinha plena consciência dêste fato, ao expressar-se da seguinte forma, na dedicatória da edição de 1866 dos *Bilder* ao Dr. Salomon Hirzel:

---

(1). — A edição dos *Bilder* de que nos servimos é a integral, com introdução do Dr. Arnold Reimann, Verlag von Th. Knauer Nachf., Berlim, 2 volumes, 922 e 866 págs., 1927.

“Os acontecimentos do ano retardaram o aparecimento do livro. Nêste tempo foi-nos dada a felicidade de presenciar e sentir algo que atribui à ocupação com o passado alemão o caráter de uma agradabilíssima atividade. Desde Frederico I de Hohenstaufen, faltou a dezenove gerações de nossos antepassados a bênção de um grande e poderoso Estado alemão, e na vigésima geração recuperam os alemães, graças à Prússia e às vitórias dos Hohenzollern, aquilo que a tantos se tornara tão distante como as grandes migrações e as cruzadas: o seu Estado”.

Em meados do século XIX, na Alemanha, Gustav Freytag já estava longe de ser um desconhecido. Nascido em 1816 na pequena cidade de Kreuzburg, Alta Silésia, desde a infância o ambiente em que viveu prestou-se ao aguçamento de sua consciência de nacionalidade. Isto mediante o contraste cotidiano entre alemães, de um lado, e poloneses e judeus, de outro. Com os poloneses, aliás, não eram raros até mesmo conflitos armados em tórno de limites de propriedades rurais, prolongando, no primeiro quartel do século XIX, traços provenientes da Idade Média, das próprias origens do estabelecimento dos alemães na região. Esta circunstância, aliás, explicaria o relêvo atribuído à colonização medieval germânica nas grandes novelas de Freytag, ou seja, em *Soll und Haben* e em partes de *Die Ahnen*. E a ela, ainda, poderemos recorrer como ponderável ingrediente na fôrça com que se manifesta na obra de Freytag a idéia do germanismo, idéia esta que, sem sombra de dúvida, é predominante na sua maneira de sentir perante seu povo.

Na Universidade de Breslau, para onde fôra a fim de estudar filologia clássica, encontrou êle justamente um dos entusiastas do estudo de Germanística, então em plena florescência: nada mais, nada menos, do que August Heinrich Hoffmann von Fallersleben, o autor do *Deutschland uber alles*. Dêste encontro teria resultado o interêsse de Freytag pela Idade Média alemã, nada havendo de exagêro em supôr-se estar aí um dos germes dos *Bilder*. Em Berlim, conheceu êle Karl Lachmann, a quem votou ilimitada admiração, e voltou-se para a obra de Jakob Grimm; encaminhou-se, desta forma, para aquela concepção tão típica dos românticos, para os quais a cultura de um povo era a expressão da alma, do espírito do povo (*Volksseele*). Após doutorar-se e conquistar a *venia legendi* em 1839, com uma tese acêrca de Roswitha de Gandersheim, regressou a Breslau, como docente da Universidade. Nesta função permaneceu até 1844, abandonando-a por ter sido recusada uma proposta sua, de um curso subordinado ao título *Historische Entwicklung der deutschen Volkstümlichkeit*. Bem entendido, já então, com o plano dêste mesmo curso, estaria em franco desenvolvimento o processo que culminaria com a composição dos *Bilder*.

Não só como erudito revelava-se o talento de Freytag. Mais ainda: pensava êle em dedicar-se, efetivamente, não à erudição, mas à poesia e, principalmente, ao drama. Daí sua considerável produção dramática, que já antes de 1848 alinhava diversas peças (*Die Brautfahrt oder Kunz von Rosen, Die Gelehrte, Die Valentine, Graf Waldemar*), e sua transferência para centros mais promissores em relação ao teatro, tais como Leipzig e Dresden. Decisiva para os caminhos de sua vida, todavia, foi a revolução de março de 1848, na medida em que o lançou a atividades políticas e jornalísticas, em cujo âmbito se situará a própria composição dos *Bilder*. Compreenda-se, porém: seu temperamento não era dado à prática da vida política, como elemento dela ativamente participante. Outro foi o sentido da definição de sua carreira: foi a convicção da necessidade da Prússia para a unificação alemã, mais ainda, foi seu arraigado sentimento nacional, impregnado também de liberalismo desde os tempos de Breslau, que o levaram a desempenhar relevante papel na orientação política da opinião pública. Chocava-o, sobretudo, a indecisão de Frederico-Guilherme IV nos acontecimentos de 1848, como nos elucida uma das passagens finais dos *Bilder*:

“Em meio ao tumulto e à confusão do ano 1848, os diversos troncos do povo alemão iniciaram, unidos, a luta em prol de uma reformulação política de sua pátria (...) Desde 1840 manifestava-se também, na Prússia, a aspiração a uma vida política mais intensa. Desenvolveu-se lá um atrito entre os Hohenzollern e seu povo, conflito êste pobre em grandes representantes e, durante algum tempo, especialmente penoso e antipático; mas foi daí que brotou a vida constitucional da Prússia, o início de uma reforma do Estado, correspondente a um enorme progresso, tanto para os príncipes como para o povo. Mais uma vez, fica bem claro que nem sempre são os grandes tempos e as grandes personalidades que abrem caminho aos mais significativos progressos. Mas como se explica que a favorita de seu povo, a família real, à qual se prendem a esperança e o futuro da Alemanha, como se explica que os Hohenzollern tenham encarado com tamanha hesitação e desconfiança a nova situação, a êles oferecida pela vida constitucional de seu Estado, pelo partido da União da Alemanha? Mais do que qualquer outra família reinante, seu Estado dependera sempre de sua espada. Seus antepassados tinham feito com que o povo se tornasse adulto, êstes mesmos antepassados criaram o Estado, sua grandeza e fama guerreira provêm dos tempos de apogeu da força principesca. Esta a razão pela qual fãcilmente lhes parece um prejuízo, aquilo que para nós representa uma conquista, um engrandecimento, inclusive para êles” (II, págs. 863-864).

Foi precisamente para lutar pela causa nacional que Freytag, associado a Julian Schmidt, comprou o semanário *Die Grenzboten*,

dando início às suas atividades como jornalista. Nêste semanário é que, à maneira de folhetim, começaram a ser publicados os *Bilder aus der deutschen Vergangenheit*. A princípio, pensara Freytag em limitar-se aos séculos XVI a XIX, inaugurando a série, em 1852, com a revolução desencadeada pela Reforma luterana. O êxito, a enorme aceitação popular, levaram-no a reunir em três volumes, em 1859, os capítulos até então publicados e impeliram-no a voltar suas atenções também para os séculos anteriores, chegando até os tempos de Tácito. A esta parte correspondeu, inicialmente, o título *Neue Bilder aus dem Leben des deutschen Volkes*. A ordem cronológica, todavia, somente foi adotada na quinta edição, quando a totalidade da matéria ficou distribuída em cinco partes, a saber: Idade Média, transição para os tempos modernos (onde se encontram os capítulos relativos à colonização oriental alemã), o século da Reforma, o século da grande guerra (guerra dos trinta anos) e tempos modernos. A idéia mestra, orientando a obra de princípio a fim, talvez esteja melhor condensada no parágrafo inicial da Introdução à quinta parte, onde se lê o seguinte:

“O homem e o povo! No incessante influxo do indivíduo sôbre o povo e do povo sôbre o indivíduo, temos a vida de uma nação. Quanto mais fortes, mais variadas e peculiares as forças humanas desenvolvidas pelos indivíduos, tanto mais conseguem êles contribuir para o benefício do todo, e quanto mais poderosa a influência exercida pela vida da coletividade sôbre o indivíduo, tanto mais sólida será a base para a livre formação do homem” (II, pág. 505).

Segundo esta linha, assim, é que se desenrolam os *Bilder*, pensando sempre, entretanto, mais para o povo do que para o indivíduo, pois caminhamos sempre para a exaltação do papel da burguesia nos destinos da Alemanha, ou seja, da classe mais representativa do povo, para os liberais revolucionários de meados do século XIX. E acentuemos aqui o liberalismo de Freytag, responsável pela atitude de grande desconfiança assumida perante a política de Bismarck, embora esta coincidissem, nos objetivos, com seus ideais de unificação alemã. Acabará por aderir a ela, é fato, mas somente após o indiscutível êxito alcançado em 1866, ano que se caracterizou, também, pelo toque final dado à elaboração dos *Bilder* (a dedicatória ao Dr. Salomon Hirzel traz a data 18 de outubro de 1866).

A título de informação, acrescentemos que a produção literária de Freytag continuou a manifestar-se no campo do teatro — sua peça *Die Journalisten* alcançou repercussão invulgar — e da ficção com base histórico-patriótica, cujo exemplo fundamental é o ciclo de novelas apoiadas nos próprios *Bilder* e subordinadas ao título *Die Ahnen*. Faleceu êle em 1895.

Apresentado o autor, passemos, então, à parte de sua obra consagrada à colonização oriental alemã na Idade Média.

\*

Três são os capítulos dos *Bilder* consagrados à expansão germânica no este europeu: um, dedica-se especialmente à Silésia, outro à Ordem Teutônica e o terceiro trata da Hansa. Comum a tôdas as épocas e regiões, todavia, é o sentimento nacional, irrompendo a cada momento, mesclando-se à melancolia determinada pelo esfacelamento territorial da Alemanha na fase de gestação dos *Bilder*. Nada mais expressivo, a tal respeito, do que o final do capítulo relativo à Hansa, como se vê:

“Rememoramos aqui nossos antepassados. Muito ainda nos resta a fazer, para conquistarmos em nossa nova cultura a mesma orgulhosa força marítima. Rememoramos também nossos compatriotas, que embora submetidos ao domínio estrangeiro nas praias do Báltico e no baixo curso do Danúbio, souberam manter fielmente sua nacionalidade. As terras, nas quais êles afirmam nossa língua e nossa cultura, foram conquistadas pela espada, pelo barco e pelo arado de nossos maiores; grande número de altivas e tristes recordações são comuns a nós e aos descendentes dos imigrantes, e mais ainda do que a comunidade de ancestrais, liga-nos estreitamente o mesmo pulsar do coração, através da língua, do saber, da vida familiar e dos costumes” (I, págs. 632-633).

Maior clareza não se poderia desejar, numa evidente propaganda nacionalista, abrangendo, ainda mais, territórios dificilmente abrangíveis pelos planos de unificação alemã, pois a colonização no Báltico e no Baixo-Danúbio estendera-se por regiões excessivamente amplas, tornando bem pouco plausível uma efetiva unificação; as praias do Báltico encontravam-se dominadas pelos russos, e apenas uma guerra poderia integrá-las numa Alemanha unificada.

A escôlha da Silésia como região básica para o primeiro capítulo relativo à expansão oriental deve-se, provavelmente, não só ao aspecto puramente cronológico, mas à circunstância de ser silésio o próprio Freytag; não se esqueça, porém, a ligação da Silésia com o nome de Frederico II, pois somente depois da incorporação à Prússia

“tiveram os silésios a consciência do sentimento deserem compatriotas irmanados na Alemanha, em indissolúvel associação com os demais troncos-irmãos (pág. 562)”.

Numa introdução a êste capítulo é que se dá um ligeiro esboço da colonização anterior ao século XIII, e somos tentados a recor-

rer ao aspecto social para compreender *por que* aquela tão importante fase foi relegada a algumas linhas, apenas. Freytag, com olhos postos no movimento social e político da Alemanha de seus dias, embora aceitando e tendo perfeita noção da necessidade dos Hohenzollern para a criação de uma Alemanha unida e renovada, voltava suas esperanças e seu entusiasmo para o povo alemão, a burguesia, especialmente (tratada, aqui, bem mais como conjunto de cidadãos do que no sentido econômico):

“Pois na burguesia teuta, reside a mais nobre das forças, a liderança no domínio das coisas práticas e também no campo dos ideais” (II, pág. 865).

Do lado da aristocracia pouco havia a esperar-se, portanto. Assim sendo, a colonização anterior ao século XIII, proveitosa antes de tudo ao Império e aos grandes senhores, mesmo tendo tido como decorrência a germanização de novas regiões, não era de molde a estimular o sentimento nacional dos alemães liberais do século XIX. Bem diferente era o que acontecia ao movimento colonizador a partir do século XIII, como se vê:

“Novas grandes zonas foram então conquistadas para a cultura alemã: a Silésia e o litoral do mar Báltico até o golfo da Finlândia, ambos sem qualquer colaboração do Império, ambos adquiridos, em certo sentido, mediante empreendimentos privados, com a força do povo alemão que transbordava nas regiões de origem, que se dispôs voluntariamente a agir e que foi muito bem orientada para os seus objetivos. Em ambas as regiões participaram como colonizadores, como forças criadoras, elementos de todos os estados sociais e de todas as profissões, predominando na Livônia e na Prússia o ímpeto conquistador dos monges guerreiros e os interesses dos grandes comerciantes, enquanto que na Silésia sobressaía a imigração dos pequenos trabalhadores, dos artesãos e camponeses. Nos territórios prussianos da Ordem Teutônica o punho de ferro do conquistador destruiu o tipo de vida popular dos habitantes lá encontrados e implantava pela violência a maneira de ser dos alemães; a Silésia, por sua vez, foi o ponto central de uma colonização pacífica e silenciosa, cuja influência se exerceu bem para longe, na direção do Oriente, ultrapassando de muito os limites daquela grande região. Na Silésia, desde o início deste movimento, as relações políticas com o Império foram inseguras e frouxas e, quanto aos territórios prussianos da Ordem, estavam eles formalmente livres da supremacia imperial” (I, págs. 547-548).

Tôdas as camadas da população, assim estariam representadas nesta expansão germânica, de tal forma que

“a ampliação do solo alemão, efetuada na sua parte principal no século que se estende de 1250 a 1350, corresponde ao grande feito

do povo alemão naquela época; ocuparam-se extensos territórios com centenas de cidades alemãs e milhares de aldeias alemãs, tornando-se eles, assim, estrita e indissolúvelmente ligados à Alemanha; decidiu ela, também, o destino político de todos os outros alemães” (I, pág. 548).

Mas o papel mais importante, na verdade, teria cabido ao elemento ancestral da burguesia, aos artesãos e comerciantes, uma vez que

“não sòmente o artesão transportou a língua e a cultura alemãs para além do Elba e do Oder, também o mercador teve neste movimento uma parte significativa, aventurando-se mesmo em perigosos caminhos, evitados pelos artesãos, varando os muros das cidades e atravessando águas insondáveis, também êle avançava, para fundar, em solo estranho, com seus companheiros, uma feitoria, uma feira, uma cidade alemã. Na velha e distante cidade natal querelavam as famílias e os artesãos durante décadas, em encarniçados conflitos, mas no estrangeiro eram êles companheiros de luta em prol do direito e das liberdades das cidades alemãs. Êles iam à frente; seguiam-nos os cavaleiros e camponeses” (I, pág. 546).

Êste, então, o primeiro grande traço a destacar-se nesta colonização: a importância das camadas não aristocráticas da população alemã, o que lhe atribuía, segundo a visão de um século XIX empenhado nas lutas nacionais, um caráter “popular”. Que outro elemento melhor poderia acrescentar-se a êste, senão a oposição a outro povo, definindo, no plano europeu, o alemão, mediante características típicas e — sempre segundo o século XIX — “nacionais”? — Passamos, portanto, ao riquíssimo tema das relações eslavo-germânicas, não sem antes remontar aos tempos anteriores às migrações bárbaras, para lembrar os direitos históricos dos alemães ao território colonizado durante a Idade Média. A colonização, desta forma, chega a assumir uma tonalidade de reconquista, como se vê:

“Quando o alemão de hoje perpassa os olhos pelos resultados dêstes imensos esforços envidados tanto na guerra como na paz, ou seja: mais de um tẽrço da Alemanha atual — não se contando a Boêmia — regiões de tal maneira germanizadas que apenas nas suas orlas e num ou noutro ponto afastado das vias de comunicação permaneceram restos de população não-germânica, homens de tal forma alemães no seu sentimento, sua língua e cultura, que desde séculos podem reclamar para si uma participação brilhante na atividade nacional, em todos os setores da criação material e espiritual; então pouco lhe faltará ao alemão nosso contemporâneo, para concluir que os territórios para além do Elba nada mais sejam do que terra reconquistada, cujos limites quase coincidem com os limites orientais germânicos nos tempos romanos, exceção feita das regiões ocupadas pelos gódcos de este. Pois nestas novas terras viviam grandes e nobres

tribos, dos rúgios, hérulos, gépidas, lombardos, semnões, borgundos, vândalos, situando-se lá o ponto de origem dos atuais suábios e dos povoadores da Alta-Baviera” (I, pág. 549).

A justificativa histórica para esta afirmação de direitos territoriais continua, ainda, passando para uma justificativa cultural apoiada na raça, com prenúncios — ao menos — de pontos de vista dignos de um Houston Stewart Chamberlain, para não chegamos a doutrinas mais recentes. Leia-se, por exemplo, o seguinte:

“Perguntamo-nos: consistiu a nova germanização apenas na submissão de povos estrangeiros, os quais, naquelas terras quase despovoadas desde os tempos das grandes migrações, haviam dizimado e eslavizado os germanos que lá permanecessem? — Ou foi esta germanização facilitada pelos remanescentes de população germânica, que se haviam mantido em meio aos eslavos e que, após muitos séculos de isolamento, mas também de resistência à pressão ambiente, ainda tinham consciência de seu sangue alemão?” (I, pág. 549).

Fica em suspenso a questão, é verdade (mesmo porque “a história nega-nos qualquer resposta precisa”, como lemos adiante), mas não permanecem dúvidas relativamente às tendências do autor, ao depararmos com a seguinte passagem, subsequente a referência às migrações eslavas e germânicas:

“Não sabemos, assim, se os alemães do alto Elba e do Oder mantiveram-se ou perderam-se, sob a predominância dos eslavos e avaros. Não corresponderá a qualquer ilusão patriótica admitirmos, porém, que continuaram a existir numerosos pequenos grupos alemães. Na Mísnia, na Boêmia do norte, na orla do Riesengebirge, nas terras montanhosas do condado de Glatz, por tôda a parte, enfim, onde mais tarde a germinação destacou-se pelos seus rápidos progressos” (I, pág. 550).

Os eslavos, bem entendido, apresentam-se, preliminarmente, como destituídos de lendas e tradições relativas ao próprio passado longínquo, em oposição ao rico patrimônio lendário germânico. Seu primeiro chefe a deixar o nome na História, por outro lado, foi, não um eslavo, mas um germano, o franco Samo, no século VII. Moderadamente, aliás, não perde o autor qualquer oportunidade de chamar a atenção para a superioridade germânica sobre seus vizinhos de este. O orgulho alemão em virtude da liberdade gozada pelas cidades medievais desponta também, e este louvor da liberdade, por sua vez, traz-nos à memória tôda a atmosfera de lutas revolucionárias de meados do século XIX, quando o Oriente europeu eslavo era tido como o baluarte do absolutismo e do aviltamento das liberdades bá-

sicas reclamadas pelos idealistas de 1848. Partindo daí, assume particular significação uma passagem como a seguinte:

“Habitualmente as cidades polonesas eram agregadas a uma fortificação, cercadas de fosso e palissadas. Segundo o direito polonês, mesmo nas cidades a maior parte dos habitantes constituía-se de pessoas não-livres, mas é verdade que se alojavam sob a guarda dos burgos fortificados também proprietários de terras e notáveis dos arredores, gozando de mais liberdade do que os artesãos, servos, e comerciantes livres, estes últimos já frequentemente alemães. Quando se aproximava um inimigo os camponeses iam refugiar-se no recinto defendido pelo fosso da cidade. Mas em tempos mais calmos tinham lugar aí as feiras. Até fins do século XII, como acontecia na Polônia, o mercador pagava, por vêzes, não com dinheiro, mas com caudas de marta ou peles de esquilo; contudo, já se exploravam as minas da Silésia, extraía-se alguma prata e também cobre; a mineração, direito dos duques, era praticada por alemães. Nos pontos de mais intensa atividade comercial já se cunhava a moeda e, como na Polônia, a liga monetária era alterada anualmente (em cada feira anual) e rapidamente mudava o valor do dinheiro. E os príncipes já recebiam rendas derivadas de aduanas das feiras, da venda de carne e das tabernas. Mas estas localidades de feiras e as aldeias à sua volta sòmente se assemelhavam às cidades e comunidades aldeãs dos alemães no seu aspecto externo. Pois inútilmente procuraríamos no recinto delimitado pelos fossos e palissadas um corpo de burgueses livres, uma vida pública organizada e autônoma, senhora do direito de governar-se e de adquirir bispados, de enunciar o direito aos seus burgueses e de criar o direito contra a violência de outrém; e nada encontraríamos do que é normal numa comunidade urbana alemã, isto é, que torne seus burgueses capazes, abónados e fortes, transformando-se assim num ambiente ao qual sejam congênitos uma capacidade consciente de ação e também a riqueza, a moral, o estudo e as artes” (pág. 552).

O tema é retomado adiante, o tema da liberdade, é claro, agora numa nítida exortação, por trás da qual se percebe todo um sistema de idéias, uma filosofia da vida, se assim podemos dizer, característica da mentalidade liberal em que se integrava Freytag:

“Aqui, na Silésia, manifestou-se, antes de tudo, uma grande verdade, no que concerne ao conhecimento da natureza humana; a verdade, sòbre a qual repousa tòda a vida moderna, e que assim podemos enunciar: sòmente o trabalho de homens livres é capaz de tornar um povo forte, florescente e resistente. Os senhores territoriais, em grande parte, renunciavam às pretensões que lhes eram naturais relativamente aos habitantes do solo segundo o direito polonês, e que eram de tal modo grandes que bem pouco lucro lhes carregavam. Os nobres atribuíam-lhes, como favor, o direito de fundar cidades e aldeias seguindo o direito alemão, isto é, podiam fun-

dar comunidades livres, e este privilégio foi zelosamente cobiçado como uma graça principesca” (pág. 554).

A fundação e organização da nova comunidade faziam-se sempre, naturalmente, de acôrdo com o modelo alemão, destacando-se que os

“burgueses eram em conjunto pessoalmente livres e eles próprios governavam sua comunidade. Buscavam junto a uma bem considerada cidade alemã o seu direito e estatuto” (pág. 555).

Submissos mostravam-se os eslavos perante a irrefutável superioridade alemã, apesar da hostilidade latente, a fazer de poloneses e germânicos adversários inconciliáveis, unidos apenas na superfície e pela conveniência, como se vê:

“No fim do século (XIII) estava decidido o domínio alemão sôbre a terra colonizada; mas a imigração continuou, e a surda luta entre poloneses e alemães prosseguiu, mesmo depois de não haver dúvidas acêrca de quem vencera; em alguns pontos dura este conflito até hoje” (pág. 556).

A afirmação nacional manifesta-se, ainda, na determinação de traços comuns aos alemães, no delineamento de um “caráter nacional”, o que enquadra o autor dentro da atmosfera romântica, bem sensível no decorrer de tôda a obra, aliás. Como sempre, a questão do “caráter nacional” prende-se imediatamente às circunstâncias políticas contemporâneas, distinguindo-se neste ponto, também, a censura aos alemães, cujas fraquezas impediam a realização da unidade nacional. Leia-se, por exemplo, o seguinte:

“Pois são dois os grandes aspectos que podemos considerar como característicos da maneira de ser dos alemães na Idade Média. Primeiramente, um traço que distingue todos os germanos dos celtas e dos eslavos, a saber: as imagens do mundo exterior refletem-se de modo muito mais puro e completo nas profundezas de seu espírito, favorecendo-os bastante na capacidade de compreender o mundo no qual vivem e de exercer um contrôle sôbre o próprio egoísmo, através de julgamento compreensivo e do sentimento da verdade e da equidade. O segundo traço desenvolveu-se especialmente entre os alemães dos fins da Idade Média e dos tempos modernos e consiste no seguinte: experimentam eles um prazer refinado em isolar-se, com todo o calor e riqueza de seu espírito, em separar-se firmemente do todo fechando-se em pequenos círculos de companheiros, com a particularidade de saberem limitar de tal modo estes pequenos círculos fortificados, mediante formas, imagens e usos próprios, que se tornam pesadões quando se trata de ousar com tôda agilidade e de sacrificar, em benefício do conjunto, algo de sua própria essência” (pág. 556).

Aos silésios, especialmente, atribuem-se características que parecem ser uma alusão direta aos infortúnios políticos da Alemanha, como se vê:

“Nunca lhes foi dado sentirem-se um povo único; por mais que tivesse crescido a fôrça da comunidades, isoladas ou em associação, frente ao inimigo externo os silésios estavam quase sempre separados entre si. Jogados para lá e para cá, entre a suzerania polonesa e boêmia, não raro em luta contra os suzeranos, foi a Silésia forçada a pagar com dinheiro e sangue tôdas as mesquinhas e maldosas que-relas das casas principescas entre si e com seus vizinhos” (pág. 557).

E mais adiante:

“Nenhuma região sofreu mais com os horrores da guerra husita do que a Silésia, devendo-se reconhecer que em nenhum século de sua história se mostraram os silésios sob côres menos favoráveis do que neste. Em virtude do fracionamento em muitos e pequenos territórios independentes, estavam êles politicamente enfraquecidos e eram completamente incapazes, com suas próprias fôrças, de enfrentar um poderoso ataque inimigo. Sentiram sua situação quando o perigo se aproximou, e aí humilharam-se. Mas tão logo podiam respirar um pouco mais livremente, mostravam-se arrogantes, parlapatões e cheios de planos fantasiosos, que em regra malogravam lamentavelmente” (pág. 558).

Não parecem tais trechos conter uma alusão a pelo menos grande parte da Alemanha do período napoleônico, e mesmo da época de preponderância austríaca subsequente ao Congresso de Viena?

Antes de deixarmos o capítulo relativo à Silésia, lembremos outros traços românticos dos *Bilder*, tais sejam a preocupação com as lendas e tradições populares, entre as quais se distingue a do Ruebezahl (levando-nos a conhecidos nomes do romantismo teuto, como o pintor Moritz von Schwind), e a maneira poética, embora discreta, de se apresentar a paisagem. Isto se faz em termos indiscutivelmente aparentados aos que caracterizam as descrições de um Chateaubriand ou, mais próximo a Freytag, de Adalbert von Stifter.

Com a oposição entre a nobreza dos ideais germânicos e a rusticidade da vida material, ambos intensamente postos em destaque na sua terra natal, encerra Freytag o capítulo sobre a Silésia, dando-nos, ainda uma vez, oportunidade para distinguirmos traços românticos, ao lêmos o seguinte:

“Com Opitz, Logau, Gryphius e Guenther, empenhou-se tôda a Silésia culta em sentir delicadamente e, ao mesmo tempo, compor versos heróicos. O que êles cantavam, pode ser pouco atraente para o nosso gôsto; mas sempre deveremos agradecer-lhes, terem tido a fôrça, naqueles tempos, de dar expressão aos sentimentos ideais dos

alemães. Porque, de fato, havia algo de grandeza, então, em mostrar que, diante da espantosa e pesada vulgaridade que marcava a vida alemã, havia ainda beleza sobre a terra, havia prazeres espirituais e mais nobres do que as desenfreadas bebedeiras e as relações com mulheres desclassificadas, que por traz do céu cinzento e descolorido havia um outro mundo a descobrir-se, mundo de cores mais brilhantes, de sentimentos mais elevados e mais belos” (pág. 561).

Um exame dos capítulos relativos à Ordem Teutônica e à Hansa talvez possa ser iniciado partindo-se da consideração de corresponder primeira um caráter cavalheiresco

“... a Ordem estava completamente sob o domínio das concepções de honra do escudo cavalheiresco” (pág. 570) ,

ao mesmo tempo que eram evidentes suas estreitas relações com o elemento mercador, dadas suas imensas atividades de ordem econômica. Assim, encontravam-se entre seus membros pessoas de todos os estados sociais e profissões (pág. 572), indispensáveis que lhe era a colaboração de peritos em assuntos comerciais, de artesãos e técnicos nos diversos ramos de exploração econômica (pág. 573); mais ainda: até mesmo para a guerra não se podia subestimar o mundo não-cavalheiresco, como podemos lêr:

“Tanto no Oriente como nas florestas e matagais da Prússia era indispensável a cavalaria leve. Por isso mesmo a Ordem mantivera, já no Oriente, à semelhançados Templários e Cavaleiros de São João, um corpo de cavalaria leve, os Turcopolos, (...) Na Prússia incluía ela na irmandade ao menos uma parte dos militares levemente armados.

Daí constituir-se, entre os irmãos de origem não cavalheiresca, uma categoria própria, que era a dos Sargentos, servindo a cavalo sob comando de um capitão particular. Na Prússia, provavelmente, muitos deles eram Witunge, isto é, filhos de proprietários de terras locais, aos quais a Ordem, por motivos políticos ou por não terem eles antepassados cristãos, não conferia de boa mente a dignidade cavalheiresca. Os Sargentos usavam, assim como todos os outros irmãos que não fossem cavaleiros, capa cinzenta com a cruz da Ordem” (pág. 573).

Mas tudo isto não exclui a existência de um grupo predominante, de caráter marcadamente aristocrático, como se vê:

“Entre eles os cavaleiros constituem-se na aristocracia. Mas os ornamentos próprios aos cavaleiros não lhes são permitidos, se excetuarmos o cinto e, como traço distintivo de sua posição, um manto branco. Combatem em formação especial, correspondendo à cavalaria pesada com armamento de cavaleiros e, durante as cam-

panhas, recebem número de cavalos superior ao dos outros irmãos de armas” (pág. 572).

Trata-se, é verdade, de uma aristocracia não exclusivista, pois muitos de seus elementos nos são conhecidos apenas pelo pré-nome ou por uma alcunha, o que levanta dúvidas quanto à sua ascendência nobre. Mas, de qualquer forma, embora impregnada de sangue plebeu, a Ordem, pela sua própria origem, não podia deixar de apresentar uma acentuada coloração cavalheiresca.

Opõe-se a ela, neste tocante, a Hansa, tipicamente comercial nos seus elementos constituintes, dispensando-se qualquer discussão relativa à classificação social de seus membros, ao contrário do que sucede com a Ordem. Ora, as simpatias de Freytag pela burguesia alemã ilustram-se aqui mediante a comparação de uns tantos trechos concernentes à Ordem e à Hansa. Entenda-se, porém: nem por sombra negam-se os méritos da primeira, ou disfarçam-se os pontos obscuros da segunda. Ambas, aliás, apresentam diversas facetas pouco favoráveis, inherentes aos grandes organismos coletivos, às grandes associações. De fato, a grande associação

“deixa-se conduzir por uma única idéia, só podendo subsistir enquanto seus objetivos não entrem em contradição com as mais fortes exigências éticas dos povos. Não lhe é possível alterar seus fundamentos, somente com grande dificuldades consegue aprender e rejuvenescer. E como o entusiasmo e o fanatismo, que o princípio dominante da associação é capaz de comunicar a muitas vidas humanas, são mais poderosos e temíveis do que a força criadora de uma vida individual, assim também o domínio de uma associação caracteriza-se por tremenda rigidez e limitação de vistas, e sua queda é profunda, inglória e lamentável, pois perde-se pela sua fraqueza que a leva ao fenecimento, em meio à indiferença, ao ódio, ao desprezo dos homens. Isto sucedeu à Igreja medieval, ao Santo Império romano-germânico, às corporações, à Hansa, à Ordem Teutônica” (pág. 563).

Mas, apesar de tudo, é a propósito da Hansa que Freytag se estende num panegírico da burguesia, em que esta surge até mesmo como condicionadora de alguns dos mais caros traços do ideal de caráter nacional alemão. O próprio tipo de vida do comerciante medieval, sem dúvida, detemirava nêle uma certa dureza e um egoísmo com tendência exclusivista, diz-nos o autor. Mas prossegue da seguinte forma:

“No entretanto, foi êste duro e exclusivista egoísmo do comerciante que, antes de tudo, arrancou a família dos povos medievais ao isolamento e ao barbarismo; onde chegava, o mercador difundia uma cultura elevada, combatia os bandidos de terra e mar, guerrea-

va para extinguir os direitos iníquos que dificultavam o comércio no interior e nas praias, criava cidades florescentes onde antes só havia a solidão; na medida em que despertava novas exigências levava a terras longínquas o Cristianismo e a cultura de seu tempo; foi êle o primeiro a ligar os povos da terra numa grande unidade, e êle, tão flexível diante da prepotência e tão impaciente contra seus rivais alemães, vigiou e dilatou a honra de sua nação, a superioridade da maneira de ser alemã, e até mesmo a extensão e os limites do Império, tudo isto numa época em que Imperador, príncipes e cavalaria não eram capazes de proceder segundo uma política de largo alcance.

Pois a mesma atividade do mercador, que tão facilmente o leva ao egoísmo, está ao mesmo tempo ligada, mais do que qualquer outra, aos aspectos bons da natureza humana. E' ela impossível sem uma notável confiança concedida aos outros pelo comerciante, não apenas às pessoas que estejam a seu serviço, mas também aos estranhos; não apenas a cristãos, mas também a pagãos. A honestidade, que impregna total e completamente uma obrigação consentida, mesmo quando por vêzes corresponda a um sacrifício, é indispensável ao comércio em qualquer estágio de seu desenvolvimento; e justamente por isso, porque o comércio torna vantajosas a fidelidade e a honestidade nas relações humanas, gera êle ligações sadias e duradouras entre os homens" (págs. 601-602).

Assim sendo, podemos até inferir poderem ser atribuídos em grande parte ao elemento não-cavalheiresco os próprios benefícios legados também pela Ordem à Alemanha. Compreender-se-ia, neste caso, a insistência com que Freytag se demora na questão da origem social de seus membros constituintes, procurando deixar clara a impossibilidade de se afirmar seu caráter totalmente aristocrático. Não deixa de chamar nossa atenção a importância atribuída às lendas surgidas ao redor das lutas da Ordem Teutônica e cujos heróis nem sempre eram irmãos da Ordem, mas gente humilde (pág. 585), entre êles Martin de Golin; suas proezas, aliás, merecem consideração especial do autor, que o apresenta como representante do povo alemão, e não de determinado grupo social. Ao seu lado há os heróis irmãos da Ordem (págs. 583-584), destacando-se entre êles, é claro, a personalidade ímpar de Hermann von Salza,

"o maior estadista de seu tempo e, além disso, um caráter digno de toda confiança, capaz não só de despertar, mas ainda de manter a fé inspirada" (pág. 579).

As famosas barbaridades imputadas aos alemães na conquista da Prússia não deixam de ser mencionadas, mas de maneira amenizada, como seria de esperar-se; a seguinte passagem dá uma amostra do tom com que Freytag se refere ao assunto:

“Nêste período de sangue e destruição, de emboscadas e de maliciosa astúcia, muito de deshumano foi cometido; horrores de ambos os lados; mas devemos lembrar que os prussianos, ao contrário dos selvagens lituanos, não raro davam demonstrações de consideração e respeito surpreendentes... (pág. 585).

Deixam-se, assim, os “horrores” cometidos pela Ordem, para se fazer um elogio aos prussianos; em detrimento dos “selvagens lituanos”... Outra passagem sugere, mas sem detalhes ou maiores explicações, que o comportamento da Ordem frente aos prussianos dominados não era particularmente benigno, justificando-se, contudo, pela insegurança generalizada, como se vê:

“Esta situação de incerteza definia também a política da Ordem e dos colonizadores em relação aos prussianos submetidos. Os alemães eram uma pequena minoria, devendo, não obstante, permanecer como dominadores. Não se inclinavam, por isso, a cristianisar e a livrar dos fardos da servidão os prussianos, que esperavam do batismo uma melhoria de suas condições. Já em 1237 precisava o papa interferir em favor dos pobres prussianos. Já então começava a Ordem a ser infiel aos seus próprios fundamentos” (pág. 582).

Por outro lado, a insistência no pequeno número de irmãos da Ordem é significativa, na medida em que possibilita a atribuição de muito da alegada deshumanidade aos cruzados, pois a êstes teria cabido, de fato, a tarefa de conquistar a Prússia (págs. 578 ss). De maneira mais expressa referem-se as iniquidades praticadas durante as incursões patrocinadas pela Ordem a partir de 1304, mas sempre com a mesma atenuante, pois a responsabilidade por elas teria cabido, antes de tudo, aos cruzados, elementos de diversas origens que se dirigiam à Prússia para combater os pagãos em nome da Ordem. Não deixa de ser curiosa, a tal respeito, uma passagem de Freytag:

“O sentido de honra dos alemães, entretanto, não mais se deixava enganar por estas caricaturas dos antigos combatentes”. “Raramente alegra-se um homem sensato com as incursões à Prússia”,

escrevia pouco depois do ano 1350 Heinrich der Teichner.

“Invocando a Virgem Maria parte o homem para terras estranhas e deixa a sua gente sob o domínio de celerados; melhor seria se tomasse uma corda e com esta os enforcasse, pois temos pagãos em número suficiente entre nós, os quais atormentam a pobre gente. Se os cavaleiros ainda trouxessem de volta bons costumes, uma virtude renovada e justo direito, ainda vá; mas nada trazem êles, somente o dinheiro os impele para as incursões contra os pagãos” (pág. 594).

De qualquer maneira, sem se poder falar numa condenação de Freytag à Ordem, distingue-se no capítulo a ela dedicado, diversas vezes, uma certa frieza, ou melhor, uma antipatia, que salta aos olhos, pelo contraste, quando passamos a tratar da Hansa.

Já vimos o entusiasmo do autor pela burguesia alemã. Agora, sempre a propósito da Hansa, põem-se em destaque outros traços marcantes do panorama político dos anos 1860-1865 na Alemanha. Tal é o caso das lutas dos hanseatas contra a Dinamarca, assumindo coloração especial diante da questão do Schleswig-Holstein; as crônicas medievais proporcionam-lhe, então, diversas descrições de combates entre alemães e dinamarqueses, como a batalha de Warnemünde (1234) e a de Norsund (1427). E é imediata a conexão estabelecida, na época da publicação dos *Bilder*, entre tais lembranças e os acontecimentos que culminaram com a guerra de 1864. Outro exemplo de ligação da Idade Média com os sucessos de meados do século XIX reside na oposição norte-sul na Alemanha, precedendo a guerra de 1866 e a formação da Confederação da Alemanha do Norte. Veja-se o seguinte:

“Mas em nenhum setor da vida terrena é tão notável a oposição entre alto-alemães e baixo-alemães, do que no tipo de atividade que, mais do que qualquer outro, rompe as barreiras entre os povos. Mediterrâneo e Mar do Norte, comércio terrestre e comércio marítimo, fabricante e comerciante, moeda de ouro e moeda de prata ficam frente a frente, nas relações dos alto e baixo-alemães” (pág. 603).

Segue-se um longo desenvolvimento dêste tema, perfeitamente passível de ser encarado como uma justificativa histórica para a remodelação política da Alemanha com exclusão da Áustria.

A Hansa, por fim, é que enseja palavras impregnadas do maior sentido patriótico, marcantes, mesmo para que se avalie o papel desempenhado por Freytag na formação da mentalidade nacional alemã, tanto mais quanto os *Bilder* foram particularmente bem aceitos pela juventude germânica. Trata-se de palavras simples, mas profundas, servindo de introdução ao episódio à luta de Paul Beneke, de Danzig, contra os ingleses, em 1473; ei-las:

“Deus sabe que nada me causa mais alegria, na História, do que a leitura da descrição de uma façanha máscula empreendida por alemães, a demonstração de um ânimo intrépido, como acontecia com nossos antepassados, os antigos alemães, que foram louvados por todos os cronistas. Por isso mesmo quero dar a um herói alemão a honra que lhe cabe, e descrever fielmente sua história com todos os detalhes, tal como a encontro escrita em diversas crônicas, embora não me fôsse difícil omiti-la, pois sempre encontraria outra para ser posta em seu lugar” (págs. 626-627).

\*

Nada mais fizemos, nisto que consideramos apenas como um esbôço de trabalho, do que alinhar uns tantos exemplos e passagens dos *Bilder aus der deutschen Vergangenheit*. Mas acreditamos terem sido êles suficientes, para demonstrar em que medida o tema da colonização medieval alemã no oriente europeu foi posto a serviço dos ideais nacional-liberais da Alemanha do século XIX.